

The Project Gutenberg eBook of A Mulher Portugueza

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: A Mulher Portugueza

Author: Eduardo Shwalbach Lucci

Release date: August 16, 2008 [eBook #26325]

Most recently updated: January 3, 2021

Language: Portuguese

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK A MULHER PORTUGUEZA ***

EDUARDO SCHWALBACH LUCCI

Da Academia das Sciencias de Lisboa

A MULHER

PORTUGUEZA

PORTO

LIVRARIA CHARDRON, de Léo & Irmão, editores Rua das Carmelitas, 144 1916

A MULHER

PORTUGUEZA

EDUARDO SCHWALBACH LUCCI

Da Academia das Sciencias de Lisboa

A MULHER

PORTUGUEZA

PORTO

LIVRARIA CHARDRON, de Léo & Irmão, editores Rua das Carmelitas, 144 1916

A propriedade literária e artística está garantida em todos os países que aderiram à Convenção de Berne—(Em Portugal, pela lei de 18 de março de 1911. No Brasil pela lei n.º 2577 de 17 de janeiro de 1912).

Porto—Imprensa Moderna

A MULHER PORTUGUEZA

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

O lindo thema—A Mulher Portuguesa—attraíu-me pelo seu encanto, mas prejudica-o, a par da fraqueza da palavra, o defeito de ter de obedecer a uma curva, que se retesa e quasi estala nos limites apertados d'uma conferencia. Ouvi-me, pois, mães, esposas, filhas, mulheres queridas, que viveis dentro de corações e no coração trazeis sempre uma imagem, com a benevolencia, que deve sempre amantelar um amigo e um defensor. No fertil poema, por onde a vossa alma transita atravez de almas, procurarei colher a graça e o perfume para a expressão dos meus sentimentos, attenuando com este valioso recurso os males de que faço padecer tão brilhante assumpto.

Resultado para que se encaminha o contínuo esforço do homem, causa da sua actividade e aspiração do seu espirito, é a mulher quem, com a grandeza do infinito bem, ou a grandeza do infinito mal, nos conduz pela vida fóra numa ascensão gloriosa, ou numa derrocada tragica. Por ella o homem crê, por ella descrê, por ella assassina, por ella morre. Altar e hostia, tortura e guilhotina, faz-nos viver a vida tal qual a dôr surribo a alegria, a punhalada espirra o sangue e os labios guardam os dentes. Mas nas suas epopeias sublimes e nas suas elegias tremendas surge-nos como a confissão palpavel da energia e da bondade divinas. Hymno e oração do amor, canta-lhe as alegrias e reza-lhe as tristezas; alma da bondade, aroma da ternura e lagrima da dôr, torna-se em explicação religiosa, bella e harmonica da vida humana. Assim realisada e assim realisando, Deus desce até á mulher, o homem sobe até ella. Encontram-se no seu coração e beijam-se.

A Shakespeare ligaram um espirito—um *andador*, e a Socrates, outro espirito—o *demonio*, porque só pela interferencia do sobrehumano lhes admittiam as concepções. Não deve, portanto, causar reparo dizer-se que a mulher tem sido sempre, e sempre será, o *espirito familiar* do homem. O que elle produz de grande é ella quem lh'o inspira, o que parece ir além das suas forças vem da força que ella irradia. A ingratição do homem para com a mulher tem sido, porém, enorme. Não passa sem ella e diz mal d'ella. Da antiguidade ao dia de hoje, os libellos accumulam-se com uma injustiça que apavora. Euripides põe na boca de Hippolyto as mais flagelladoras apostrophes, que alguma vez contra ella foram proferidas. Affirma que tudo quanto o homem tem de mau vem da mulher e exclama: «Porque—ó deuses immortaes!—não foi dado ao homem o poder de gerar o homem de uma pedra, de um pedaço de ouro, de um tronco de arvore e não de um ventre de mulher?» Aristophanes, por intermedio de Mnesiloco, nas *Festas de Céres e de Proserpina*, simulando defendê-la, quasi sobreleva Euripides no ataque. Strindberg, nos *Casados*, accusa-a de só afagar para morder, e no *Pae* a violencia contra ella mantem-se constante e formidavel, como a de Nietzsche no *Assim falava Zarathustra*, na *Genealogia da Moral* e em *O Viajante e a Sombra*. Quanto mais culto, mais impiedoso, vituperando-a com affrontosas opiniões e algemando-a com as leis por elle proprio fabricadas. Mas nesta terra, eternamente fertilisada pelo vosso pranto e florescia pelo vosso riso—ó querida e boa mulher portugueza!—talvez porque assim o sois, nunca se disse grande mal a vosso respeito, nem a lei foi das mais precárias para vossa defesa. Em Portugal nunca o insulto dos philosophos e dos moralistas vos escalvou a dignidade, nem a lei desceu a vexames, e tambem em nenhum outro paiz, por honra vossa e alegria do nosso lar, a despeito das violencias do instincto, da barbaridade das velhas edades, da convulsão dos usos e costumes, a mulher se conservou tão modesta, tão carinhosa, tão simples e tão casta!

A mulher portugueza da Edade Média era a escrava do homem pelo corpo e de Deus pelo espirito. Vista á luz da moral e do respeito de agora, magôa-nos; mas o homem não a insultava, não lhe batia, não a violava sem a lei lhe tomar contas. Magôa-nos, doe-nos, mas os factores sociaes não lhe permittiam que fosse outra, porque nem ella, nem o seu amor estavam dignificados. Aparece-nos amoral e subalterna, mero objecto de prazer, massa de instincto e de passividade, de pernas cruzadas, em cima d'um estrado, a jogar o xadrez, a enfiar pérolas e aljófares e a recitar as Horas Canónicas e as Horas de Santa Maria com um isochronismo de pêndulo. Que ha, porém, a esperar de uma época, em que a mãe do fundador da monarchia alterna dos braços d'um Trava para outro Trava, D. Affonso Henriques arranca uma sua filha ao marido para a afivelar ao Braganção e a abbadessa Grácia Mendes, mandada vir para concubina de D. Affonso III, vae pagando pelo caminho direitos de entrada ao fidalgo que a traz e direitos de saída ao fidalgo que a leva!? Que querem de uma época, em que o christianismo abate o grande valor moral e artistico do corpo, apontando-o como deposito de podridões e ninho de vicios, com o fim de só glorificar a alma em consagração a Deus? Cuidar do corpo! Não; que a carne é ignominia. Escondê-lo bem, mortificá-lo, desprezá-lo.

Sem esse culto a mulher rebaixa-se, apaga-se; a sua sensualidade brutalisa-se. Sem a preparação

indispensavel, a sua intelligencia não scintilla. E assim vemos as afamadas mulheres de então, negada ás suas formas a veneração grega e privado o seu cerebro do cultivo romano, a dominarem não pela belleza do espirito, mas pela belleza natural do corpo e pela sensualidade unicamente animal, que o inflamma numa revolta ingénita contra o desprezo a que o votam. Descurada material e espiritualmente, que outra mulher podia saír d'esta sociedade? A mulher subalterna, embora digna de todo o nosso respeito por essa sua propria subalternidade, porque, entregue inteiramente aos seus asperos instinctos, sabe orar e mortificar-se. Nestas condições e durante um periodo tão sêco e árido, de cilicios e penitencias, de passividade e isolamento, erguem-se nos primeiros tempos da monarchia as infantas D. Sancha e D. Thereza, irmãs de D. Affonso II, instituidoras das gafarias, onde ellas proprias lavam as chagas dos leprosos, e mais tarde, no estrebuxar da dynastia affonsina para o alvor da dynastia de Aviz, Deusadeu Martins, Brites de Almeida e Maria de Sousa. A primeira, por seu valor e astucia, immortalisa-se na defesa de Monsão; a segunda torna lendaria uma pá de forno; a terceira salva a vida do Mestre de Aviz, atravessando com uma partazana o peito do renegado Gonçalo de Gusmão e tolhendo o passo a uma partida de castelhanos. Que representam estas cinco mulheres? A caridade e a bravura. Lances poeticos de amor, fulgurações de espirito? Não se vislumbram. Apenas mortificação, humildade e força animal ao serviço d'um levantado espirito.

Chega a época de D. João I, e pela influencia de D. Filippa de Lencastre, a mulher começa a divinizar-se: deixa de ser uma cousa para ser alguém. Forma-se a sua individualidade. Depois d'uma curta transição, em que a rainha, percebendo a necessidade de disciplinar as paixões brutaes dos homens, privou da escolha o instincto e estabeleceu como que—perdoem-me a palavra—uma coudelaria da côrte, determinando casamentos, desaparece a posse brutal, quebra-se a grilheta do *Eu quero aquella mulher*, e illuminada por uma aurora de sonho e de fantasia, ella descerra os labios tremulos e murmura pela primeira vez: «Eu amo!» Inicia-se o seu poema, nasce a flôr do sentimento. É o influxo das novellas do cyclo bretão, que se exerce; é a figura resplandecente de Isolda que vem redimir a mulher portugueza, transformando-a de simples instrumento de prazer em força, direito e razão de amor, engrandecendo-a, sensibilizando-a. É essa poesia, que, romantizando-lhe a imaginação por meio de formas ideaes, lhe enche a alma e a vida com o sopro perfumado da felicidade, ou com as torturas da desgraça, e lhe faz antever a realidade humana pela mutua posse de duas almas. É Isolda, debruçada sobre o cadaver de Tristão, a dizer-lhe: «Vendo-te morto, ó meu Tristão, não posso, nem tenho o direito de viver. Morreste por meu amor e eu morro de tristeza por não ter chegado a tempo.» É a figura de Isolda a espiritualisar a sensualidade na mulher, como a figura de Galaaz, pela preocupação da virgindade, a influir sobre o homem, dando-nos Nun'Alvares a resistir ao casamento, o infante D. Duarte a consorciar-se, aos 37 annos, ainda de palmito e capella, e o cardeal D. Jayme, que, instado pelos medicos para aquecer o leito ao calor d'uma mulher e com este agradável remedio salvar a vida, exclama estupidamente: «Antes quero morrer limpo do que morrer sujo!»

A mulher portugueza, até esse momento crisalida do amor, rompe o casulo da sua intelligencia, da sua dignidade e do seu coração e entra a deslumbrar-nos com o resplendor do espirito e do sentimento, mais tarde revigorado por outras influencias derivadas em grande parte da exuberante erudição que veiu da Renascença. O seu vôo eleva-se, e no reinado de D. João II a mulher da côrte já verseja e franqueia o seu entendimento a estudos profundos. A primeira verdadeiramente notavel, que se nos depara, é D. Filippa, filha do infante D. Pedro, trazendo pela mão sua sobrinha, a infanta D. Joanna, por ella educada e para quem traduziu do latim o *Tratado da vida solitaria*;—tão culta, que escreveu notas politicas, cuja importancia resalta na *Pratica ao Senado de Lisboa*, quando se receavam tumultos na capital, e tão artista, que era a illuminadora das suas obras. Em seguida tres rainhas exercem uma acção decisiva no theatro portuguez: D. Beatriz, mãe de D. Manuel, D. Maria, sua mulher, e D. Leonor, viuva de D. João II. É sob a sua protecção que nasce o theatro nacional. Pondo de parte a segunda, por não portugueza, vemos ao lado de D. Beatriz, a mais sumptuosa mulher do seu tempo, D. Leonor a praticar o bem, a animar o talento e as artes. Funda o hospital das Caldas, as Mercearias, a Misericordia de Lisboa, dá impulso á typographia e acolhe Gil Vicente. Affirma-se uma obra civilisadora pela conformidade do coração com o cerebro.

O brilhantismo litterario da côrte attinge a sua idade de ouro, fortifica-se e expande-se para ir morrer no Paço da infanta D. Maria, onde, na Academia artistica e na Academia litteraria, ao lado das italianas Angela e Luiza Sigêa, brilham D. Leonor de Noronha, a traductora e annotadora de Marco Antonio Sibellico, Joanna Vaz, a loira coimbrã, poetisa e historiadora, Paula Vicenta com o seu pujante talento dramatico, e Publia Hortensia, que, aos 17 annos, discute Aristoteles com homens de alto saber, depois de ter feito em Coimbra os cursos de philosophia e theologia. Este banho de luz exalta a mulher, ainda com as pernas cruzadas sobre um estrado, fechada em casa e recebendo apenas o frade. A sua alma divinisa-se; a poesia cerca-a e ella poetisa tambem. Intellectualisa-se, sonha e tem visões. Mas a enorme transformação, que neste periodo se operou entre nós pelo descobrimento do caminho maritimo para a India, deslocando o centro de gravidade do emporio de Veneza para Lisboa, se deu ensejo á permuta intellectual com o estrangeiro, d'onde vieram homens dos mais doutos para as Universidades e mulheres illustres para o cenaculo da Infanta, trouxe conjunctamente o mercador, o

homem de negocios, o homem de dinheiro e com elle o prazer e o vicio. Então o portuguez aferrolhou ainda mais a mulher, sobrepoz adufas a adufas, rotulas a rotulas, cortando-lhe toda a communicacão para o exterior, e os moralistas apregoaram que a missão feminina consistia sómente em fiar, conceber e chorar.

Já illuminada, sentindo bem a posse de si propria, á oppressão contrapõe o ardil e recorre á intermediaria:—Branca Gil do *Velho da Horta* e Brizida Vaz do *Auto da Barca*. Todavia, ao mesmo tempo que uns enclausuravam as mulheres, outros embarcavam-se para a India, deixando-as á vontade e só receosas de elles não chegarem a partir:—dialogo entre a Ama e a Moça do *Auto da India*. A inteira clausura tem de terminar; a reacção vem logo depois. A mulher, se em casa está posta em recato, encontra a sociabilidade na rua. Nas frissuras dos pateos de comedia, nas tranqueiras das praças de touros, nos palanques dos autos de fé, em todas as festas publicas junta-se com o homem. Lisboa é Grecia e Roma:—em casa o gyneceu atheniense, na rua o convivio romano.

Recuemos, porém, um pouco. No despovoamento de Portugal, se alguns homens se apartam das mulheres, outros levam-nas e algumas das que os acompanham identificam-se com elles em rasgos de heroismo e dedicacão, que as egualam ás mais celebres espartanas. Nos memoraveis cercos de Diu lá as vemos fazendo rosto ao inimigo, correndo da agulha á lança, do estrado á muralha. Isabel Madeira, morto em seus braços o marido, com a mais firme estoicidade sepulta-o e volta ao trabalho das tranqueiras. Anna Fernandes, a famosa velha de Diu, assume proporções épicas ao dar-se o assalto da mina, no baluarte de D. Fernando. Quando tudo vóa pelos ares, paredes, alicerces, cavalleiros e soldados e a investida dos mouros arde em maior sanha, ella, num impeto de decisão e energia, á frente das nossas indianas, umas a arremessarem pedregulhos, outras a acudir com pelouros, metallificando a voz em estridente clarim de guerra, brada aos nossos homens:—«Pelejae por vosso Deus! pelejae por vosso rei, cavalleiros de Christo, porque Deus está comvosco!» A estes exemplos do mais esforçado animo, outros se juntam de abnegacão não menos admiravel. Catharina de Sousa, mandando as suas joias a D. João de Castro, diz-lhe que empenhará a sua propria filha, se tanto fôr necessario para o serviço da patria. D. Joanna de Avelar escreve á regente: «Senhora! Acabo de perder dois filhos: um que me ficou morto na guerra do Mazagão, outro na guerra da India. Resta-me só este terceiro, o mais novo, ainda não soldado e que é o portador d'esta carta. Offereço-o a Vossa Alteza para seguir o exemplo, que seus irmãos lhe deram.»

Ó mulheres portuguezas, orgulhae-vos tanto do vosso inexcedivel valor, como do vosso enternecido coração, onde o amor e o brio nacional sempre acharam o mais retumbante echo!

Não percamos a curva e attentemos. Á mulher medieva, mortificada e humilde, segue-se a mulher dignificada e esclarecida, á mulher-cousa substitue-se a mulher-espírito, e sempre o mesmo sangue ardente lhe aquece as veias e lhe robustece o braço, como, para não voltarmos a esta sua modalidade, se continua a verificar em D. Filippa de Vilhena e D. Marianna de Lencastre, em 1640, na condessa de Castello Melhor e em Helena Peres numa nova defesa de Monsão, e mais tarde, no seculo XVIII, em D. Maria de Sequeira, que chamando a si o commando d'uma nau atacada, no seu regresso da Bahia, por uma esquadilha de corsarios argelinos, logo inflige ao inimigo uma desastrosa e veloz retirada. Não affrouxam o heroismo e a bravura na mulher portugueza, cujo dominio se alarga do corpo para o espirito. Em cada alma feminina despertam e palpitam milhares de almas consciences, que espargem luz e sublimam quanto tocam. A poesia dá-lhe ternura, a arte afina-lhe as linhas da intelligencia e apura-lhe o gosto. Sente o direito de amar igual ao de ser amada. A massa faz-se carne, a carne torna-se flôr e a flôr espalha aroma. Isolda abre-lhe o coração e beija-lh'o, o sangue leva-lhe esse beijo ao cerebro e a mulher portugueza pensa e sonha, mas os seus sonhos são innocentes, porque os originam a pureza da lenda e a castidade devaneadora das personagens. É a aurora da mulher de hoje, então ainda simples nas suas aspirações:—nem o sol a queima, nem o luar lhe esfuma mysterios. É o côr de rosa, a serenidade do romper da manhã.

Vem a dominação dos Filippes. Com a perda da independencia foge para Madrid grande parte da força intellectual e artistica, mas a Espanha alguma cousa nos manda em troca. O seu theatro revela uma nova feição do amor,—o amor que mata, que encanta e faz chorar. D. Juan Tenorio apossa-se dos corações; nasce o homem fatal e nasce a mulher fatal. A morte da mulher pelo marido já não é o direito do senhor, é o direito do coração. Esboça-se a alvorada do *Resistiu-me? Matei-a!* A mulher, engolfada no drama, estende a mão para a tragedia. O manteu dispensa a alcovêta. Embiocada, pode sair impunemente e assim vae até 1640 por entre lances arriscados de amor, sob o pontificado da capa e espada e a protecção do biôco. É neste periodo que, emquanto Soror Brigida, olhos postos na gloria eterna, se arrebatava no amor divino, Soror Violante, a meio caminho das alturas, se debruça para o mundo e fita os olhos na terra:

Que suspensão, que enleio, que cuidado
É este meu, tyrano deus Cupido,
Pois tirando-me emfim todo o sentido,

Me deixa o sentimento duplicado!

O misticismo procura a conjunção com o mundanismo; a mulher equilibra-se entre a terra e o céu. Faz-se a Restauração. Os usos e os costumes não se modificam, embora se perceba uma tendencia regressiva para o seculo XVI, até que D. Maria Francisca de Saboya importa para a nossa côrte, as modas, os costumes, os galanteios e em si propria o figurino da corrupção da côrte franceza. A francezia lança as suas garras e empolga as nossas mulheres e os nossos homens, creando a frança e o faceira. Ao amor tragico e sinistro do theatro espanhol succede o amor leve e brincado. O espirito da mulher portugueza adelgaça-se e ao mesmo tempo que ainda se dramatiza em Mariana Alcoforado com o coração a fistular-se de amargura e os olhos aferrados na estrada por onde o seu amante seguiu para não mais voltar, atira-nos de chofre com a galhoifeira D. Feliciana de Milão a saracotear-se pela Rua Nova, numa semcerimonia impropria d'aquelle seculo, faladora, mexeriqueira, enxertia da *verve* franceza na graça portugueza, a fazer trocadilhos em Odivellas e a dizer ás creadas, que na igreja de S. Roque procuravam abrir-lhe passagem junto de certa dama, cujo amor valia ouro e obstinada em não querer levantar-se: «Deixae-a, deixae-a, que não se levanta de graça quem se deita por dinheiro.»

A mulher avança em liberdade e sociabilidade, do seu coração apagam-se as paginas suaves e ingenuas dos poemas lendarios, a sua alma palpita com outra energia, a vida pelo amor e o amor pela vida é o que a impressiona, o que lhe move os sentidos e lhe encanta a razão. Mas ainda está separada do homem nas etiquetas da côrte e impõe-se que a ambicionada junção se effectue. Determina-a D. João V, ao lado do conde da Ericeira, do que resulta o namoro dentro de casa, tendo o leque e o lenço por signaleiros. Manifesta-se então um factio curioso: a mulher decota-se quasi até o umbigo e não se lhe lobra o bico do sapato. Porquê? Porque oscilla entre a comica e a freira. Esta recata-a da cintura para baixo, aquella desnuda-a da cintura para cima. Comicas e freiras dividem entre si o poder. Todo o galante tem uma freira e tem uma comica. O theatro recupera a sua influencia. A mulher imita as comicas no andar, nos gestos, nas attitudes e nas modas; perde o sentimento proprio e adquire o sentimento alheio. Simultaneamente, o amor freiratico, com requintes de platonismo, chega á allucinação e a donzella passa ao escuro. Não podendo subir ao palco, enche os conventos, onde tres caminhos a attraem: o da santidade, o da litteratura e o da profanação do habito. E é neste solavanco de almas e corpos a tentarem o equilibrio, que a arte e a litteratura transluzem e occupam o logar primacial nos quadros de Josepha de Ayala, nos planos architectonicos de D. Margarida de Noronha, na ceramica de Ignacia de Almeida e nas comedias e poesias de D. Joanna Ignez da Cruz, guindada a *Decima Musa*.

Sobre este periodo de impropriedade feminina vem o periodo pombalino com a plutocracia e a alta industria triumphantes. A comica e a freira descem de cotação; constituem-se os salões; da senhora, com toda a sua nobre seducção, sae a conversadora, cujos prototypos se modelam na condessa de Soure e em D. Maria May. A frança e o faceira prolongam-se, em agudo preciosismo, na sécia e no peralta; o leque, que se arrebeca com o cognome de *marotinho*, reentra em acção; inaugura-se o alfabeto dos dedos; o namoro de portas a dentro conquista liberdade absoluta; estabelecem-se as academias de fandango, onde os dois sexos deliram. Morre D. José, e a viradeira fanatica, com o regresso dos jesuitas e da nobreza eivada de fanatismo, proíbe que as mulheres dansem. Os corpos de baile são formados por barbaças em *travesti* e quem canta são os *castrati*. A mulher soffre de novo a clausura, o theatro é-lhe vedado, a sua intelligencia geme sob uma suffocação. Mas pela influencia do passado, da educação recebida, apparecem as poetisas palacianas, que correspondem ás verzejadoras do Paço no seculo XV, tomando superior vulto a notabilissima e formosa Marqueza de Alorna, a viscondessa de Balsemão, D. Francisca de Paula Possolo e D. Thereza de Mello Breyner,—e em Napoles a figura tragica de Leonor da Fonseca Pimentel, proclamando a eterna justiça, transforma o patibulo do seu corpo em apotheose da sua alma.

Desde a perda da nossa independencia, a mulher portugueza passa por transições bruscas, que a sacodem e instabilisam, sem os necessarios estadios, fazendo-a uma complicação sem termo e dando-lhe ainda uma nova feição com a vinda dos francezes. Nessa convulsão a sua liberdade espraia-se; marca-se o periodo da casquilha e do bandarria, dos pisa-flôres e dos janotas. O amor perturba-a e não ha ter-lhe mão. Estonteada pelas fardas chamarradas e pelo aprumo viril, entrega-se nos braços dos officiaes franceses. Vive-se um pouco a vida de Paris, não a vida leve e vaporosa do tempo da Brichota, mas a do Imperio com todos os seus desvairos. Salva-a num movimento decidido, pulso forte, que refreia a corrida á rédea solta. O vintismo corrige a depravação. A mulher volta ao lar, faz-se dona de casa; a educação domestica reveste-se de gravidade; prega-se a virtude. Em auxilio d'este esforço entram o romantismo francez e o inglez. Chateaubriand exalta a mãe e exclama: «Aleitar os filhos é a maior belleza!» E então as mulheres vão para os bailes levando os filhos ao colo e dão-lhes de mamar deante de toda a gente. É a sua segunda dignificação. Succede, porém, ao vintismo, em que tudo veste briche—corpos e corações—o periodo nevrotico de D. Miguel com um retrocesso momentaneo á época de D. Sebastião. O pegador de touros torna-se o ideal da mulher. Instante rapidissimo. Com D. Pedro IV, toda a valente pleiade de emigrados traz o influxo estrangeiro, e pela irradição de Hugo,

Lamartine, Vigny, Musset e do proprio Garrett molda-se a romantica.

Abrem-se os salões para os grandes bailes; mas já não é o salão pombalino, é o salão com o estrangeirismo. Irrompe uma nova sociedade, começam as classes altas a descer e as classes baixas a subir, e a portuguezinha, pallida e luarenta, atravessa de olhos em alvo, por entre os homens terríveis, nos bailes do Manteigueiro, da Assembleia, da Regaleira, das Laranjeiras, do marquez de Vianna e do marquez de Penafiel, e nas reuniões litterarias da interessantissima D. Maria Krus, de cabecinha ao lado emmoldurada em bandós. Apesar d'este acesso febril, fortalecida com o exemplo de D. Maria II, conserva-se ainda a boa dona de casa e o namoro faz-se sob resguardo, emquanto não a surpreende o néo-romantismo, na passagem do reinado de D. Pedro V para o de D. Luiz, e ella desata a soluçar e a tomar amor á tísica. O Passeio Publico colma-se de namoricos, e a mulher, que tão bem soube usar da sua graça e da sua seducção na vida portugueza de 1830 a 1860, vae-se diminuindo pouco a pouco a si propria e só nos ultimos vinte annos, dentro d'um rasgado desafogo, torna a fulgir pela illustração com que se cultivava, pelo gosto que se lhe apura, pela intelligencia que se lhe desenvolve.

Tendo percorrido uma curva, por vezes extravagante, e acabando por investigar com desembaraço varios problemas psycholicos e por se integrar na vida social, apresenta-se-nos no seculo XX, ora ponto de interrogação, ora exclamação reveladora. Talvez não erre classificando a mulher de hoje—a mulher anciosa. É a anciedade o que a domina, anciedade de saber, anciedade de dirigir a sua vida, anciedade de inteira libertação, anciedade de attingir o ideal, que para si propria creou. E d'este conjuncto de aspirações resulta ser o nosso constante auxilio, a força da nossa força, a intelligencia da nossa intelligencia, o coração do nosso coração, o braço do nosso braço.

Eternamente governada pelo sentimento, com a ternura que nenhuma outra possui, meiga, affectuosa e soffredora, arte viva pela harmonia da formosura, pela melodia da voz e pela doçura do trato, religião sublime pela elevação do espirito, onde repercute a dôr eterna e brilha a esperança immortal, poema dos sentidos, de todo o amor e de todas as crenças, rosario, flôr, sol e luar, breviario e epopeia, bella, resignada e casta,—ó mulher portugueza, pelas evoluções que tendes percorrido, vós fostes, sois e haveis de continuar a ser o viço do nosso olhar, o paladar da nossa bôca, a musica dos nossos ouvidos, o verdadeiro corpo da nossa alma e acima de tudo a raiz de toda a nossa poesia e o alento da nossa patria. Conduzi-a, pois, sem o minimo desfallecimento, sempre vigilante, sempre terna, esteio da nossa fé, estandarte dos nossos triumphos, cantico das nossas glorias! Mulher-arte, mulher-religião, com a vossa influencia, com a agudeza do vosso espirito e com a generosidade dos vossos sentimentos, espalhae o amor entre nós todos! Dos vossos olhos, dos vossos labios, dos vossos corações lancae jorros de amor, porque de muito amor é que precisa a nossa linda e querida terra e outra fonte não temos aonde o vamos beber. Filippa de Vilhena, para restaurar Portugal do jugo castelhano, armou os seus dois filhos com duas espadas, e vós, mulheres de hoje, se quereis restaurar a patria do jugo das inimizadas e malquerenças, abri o vosso peito e armae com o vosso coração os vossos entes mais queridos. Elles ficarão sendo os abençoados cavalleiros da concordia e do amor, e Portugal inteiro ajoelhará a vossos pés, exclamando, commovido:—Bem dita, mil vezes bem dita, ó mulher portugueza!

End of Project Gutenberg's A Mulher Portugueza, by Eduardo Shwalbach Lucci

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK A MULHER PORTUGUEZA ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of

this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work

is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.